

# Novos desafios à educação popular \*

## Frei Betto

Fazer educação popular, hoje, é difícil. Exponho aqui algumas inquietações frente à conjuntura. São hipóteses de reflexão sobre o trabalho de educação popular, dialogadas com Paulo Freire, nos seus últimos tempos de vida.

### 1

## A desistorização do tempo

Na educação popular temos que aprender a colocar os conceitos em linguagem plástica. Existe um princípio sagrado: o povo não tem que entender o que eu digo, o povo tem que “ver” o que digo. Se não conseguimos transformar o conceito em metáfora, em imagem, continuamos falando em linguagem estranha. Corremos o risco de puxar o povo para uma linguagem intelectualista, da mesma forma que o carcereiro que lia nossas cartas na prisão para fazer censura. Ele não tinha nenhuma instrução. Um dia chegou na cela, e perguntamos: E aí Antônio? (Ele vivia contando os dramas com a noiva: brigava, reatava; não desatava, nem chegava ao casamento). Como vai com tua noiva? Ah frei, o negócio tá difícil, agora nós estamos num antagonismo danado.

---

\* Foi mantida a ortografia original do autor.

Ele tinha lido em nossas cartas antagonismo, achou bonito e aplicou na relação deles.

A Educação Popular afirma: é preciso ter um varal, onde se possa dependurar os conceitos e analisar a realidade. O varal é a percepção do tempo como história. Isso é um dado cultural: existem civilizações, tribos, grupos, que não têm a idéia do tempo como história. Os gregos antigos, por exemplo, não tinham – o tempo para eles era cíclico. Mesmo na cultura ilustrada, hoje, o tempo cíclico está voltando, através do esoterismo. Muita gente acredita na reencarnação, vida após a morte, etc.

A essência do neoliberalismo é a desistorização do tempo. Quando Fukuiama declara que “a história acabou”, expressa aquilo que o neoliberalismo quer incutir: Chegamos à plenitude do tempo – o modo neoliberal de produção capitalista, o mercado! Poucos são os escolhidos e muitos os excluídos, e não adianta mais querer lutar por uma sociedade alternativa!

É difícil, hoje, falar em sociedade alternativa. Socialismo nem pensar, criou-se um pudor, um bloqueio emocional... como? Falar em socialismo? “Socialismo acabou, desabou, ruiu, foi enterrado!”. As alternativas que aparecem, em geral, são intra-sistêmicas, não conseguem passar disso. A idéia de que o tempo é uma história é dos persas, repassada aos hebreus e acentuada pela tradição judaica. Curioso é que os três grandes paradigmas de nossa cultura são judeus (Jesus, Marx e Freud) e, portanto, trabalharam com a categoria tempo é história.

Não se consegue estudar o marxismo sem aprofundar os modos de produção anteriores, para entender como se chegou ao modo de produção capitalista. E entender como suas contradições podem levar aos modos de produção socialista e comunista. A análise marxista supõe o resgate do tempo como história. Se alguém faz terapia, o psicanalista logo pergunta sobre o seu passado, sua infância, sua criação. Toda a psicologia de Freud é um resgate de nossa temporalidade como indivíduos.

A perspectiva de Jesus é histórica. O Deus de Jesus se apresenta com *curriculum vitae*: não é um deus qualquer – é Deus de Abraão, Isaac e Jacó – ou seja, um Deus que faz história. A categoria principal da pregação de Jesus é histórica: o Reino de Deus. Embora colocado lá em cima pelo discurso

eclesiástico, teologicamente não se situa lá em cima. O Reino é algo lá na frente, é a culminância do processo histórico.

É curioso que, na Bíblia, a história, como fator de identificação do tempo, é tão forte que, no relato do Gênesis, a criação do mundo já aparece marcada por essa historicidade do tempo, antes do aparecimento do ser humano. Na nossa cabeça, história é aquilo que homens e mulheres fazem. Então, não haveria história antes dos homens e mulheres, tanto que se fala em pré-história. Para a Bíblia, já há história antes do aparecimento do ser humano. Tanto que os gregos consideravam o deus dos hebreus um deus muito incompetente, de quinta categoria. Um verdadeiro deus cria como o Nescafé: instantâneo e, não a prazo, como mostra o relato bíblico. No relato da Criação, em sete dias, já há uma historicidade.

O neoliberalismo está detonando essa perspectiva. Por isso, estamos correndo o risco de fazer educação popular querendo dependurar a roupa sem ter varal. Esse varal, por trás da cabeça, do tempo enquanto história, é fundamental para que alguém possa visualizar o processo. Isso acontece também na dimensão micro da nossa vida. Por que, hoje, as pessoas têm dificuldade de ter projetos de vida? Porque que os jovens chegam ao terceiro colegial e não têm a menor idéia do que vão ser, que vestibular vão fazer, que pretendem da vida. Cada vez saem mais tarde da casa dos pais, por perda da dimensão histórica; é tudo aqui e agora.

Quem mais favorece isto é a televisão. Nossa geração é a última geração literária. Porque literatura é narrativa. E narrativa tem começo, meio e fim: imprime nas pessoas um certo senso de historicidade.

## 2

### A TV e a desistorização

O livro induz à historicidade, a TV incute a circularidade. Ela detona a idéia de passado, presente e futuro; começo, meio e fim. Na mesma tela, você vê o Ayrton Senna sendo enterrado e o Senna recebendo prêmio ou tomando banho de champanhe no fim da corrida.

Isso cria na cabeça das novas gerações, a idéia de circularidade, nunca de temporalidade, muito menos de historicidade. O que foi pode ser; o que pode ser já foi; o que é agora volta depois a não ser. Porque as coisas circulam, as coisas não têm uma progressão. O grande fator de mudança dessa mentalidade é a televisão. A TV é um desafio para a educação popular. Como trabalhar o ver TV?

Todo o sistema escolar trabalha a leitura do livro. O sistema escolar brasileiro trabalha a leitura de textos. É um trabalho importante, mas de certa forma anacrônico. Porque não basta que as pessoas sejam educadas para ler textos; precisam ser educadas para ver TV.

No Brasil, a média diária, de um aluno do curso secundário, é de quatro horas na escola e quatro horas e meia diante da TV. A média européia é de oito horas por dia, na escola e, no máximo, três horas diante da TV. Então, no Brasil, a TV tem uma força muito grande na formação da cabeça das pessoas.

Precisaríamos introduzir a educação para ver TV. Não basta falar que tal programa de TV não presta, nem apelar para censura. A questão não é essa: a questão é como educar para ver TV, de tal maneira que as pessoas tenham discernimento crítico. Antigamente, havia cine-clubes no Brasil. Assistia-se a um filme, debatia-se e, com isso, as pessoas aprendiam a decifrar o código do cinema. Precisamos fazer isso, hoje, com a televisão. Para que as pessoas tenham um distanciamento, uma percepção crítica da televisão.

### 3

## Novos paradigmas

Outro fator de desafio para a educação popular são os novos paradigmas. A educação popular, tal como foi desenvolvida na obra do Paulo Freire e, por consequência, no Cepis (Centro de Educação Popular do Instituto "Sedes Sapientiae", no qual trabalhei de 1978 a 1990), estava muito calcada em dois

paradigmas: o do personalismo cristão e o marxista. Os dois paradigmas cunharam esta expressão, hoje não tão em moda: conscientização. Havia quase a crença de que a consciência é o determinante na nossa vida. Bastava alguém fazer a minha cabeça e, pronto, eu aceitaria uma nova visão. Bastava uns novos conceitos e eu teria mudado sua vida. A experiência mostrou que não é bem assim.

O paradigma da conscientização era um paradigma cartesiano e, de certa forma, idealista. Porque supunha que a pessoa é um sujeito histórico da cabeça para cima, do pescoço para cima.

Isto levava e, ainda leva, a contradições absurdas no processo de realização da educação popular. O problema é que, na prática da educação popular, em nome de uma educação e de uma metodologia libertadoras, continuamos fazendo práticas bancária e colonizadora. Achemos, na prática, que vamos fazer a cabeça do educando: não partimos do educando.

O difícil na educação popular, como enfatizava Paulo Freire, é como permanentemente educar o educando e educar o educador. O educador se educa a partir do educando. Como educador posso ou não me deixar reeducar, tenho esse poder. Em geral, nossa tendência é não deixar, é não ser questionado. O processo de educação popular tem que ser indutivo e não dedutivo. Devemos partir do educando porque é a única maneira de partir da experiência do grupo, senão vamos continuar partindo da idéia dos educadores. E isto é educação popular, conceitualmente libertadora, com uma prática colonizadora. O paradigma da conscientização precisa ser melhor discutido. Descobrimos que as pessoas, incluindo todos nós, não fazem exatamente o que julgamos certo, nem o que pensamos. Fazem o que gostam e, muitas vezes, gostam do que não pensamos ou pensamos uma coisa e fazem outra. Até São Paulo, numa de suas cartas, fala “eu penso uma coisa e faço outra.”

Isso não significa que corremos o risco de jamais acertar. O problema é que, com muita frequência, formamos liderança conscientizada. Porém, sua relação, nas instâncias de poder, é opressiva e burguesa como qualquer político inimigo. Por isso, é difícil ter verdadeiras lideranças.

A educação popular teve este poder no Brasil – formou muitas lideranças, formou um poder popular. O Brasil é um país notoriamente permeado por um poder popular. Isso é raro, mas ocorreu entre nós. Basta olhar o número de deputados e senadores que, no Brasil, vieram da base. Gente que era colono, camponês, operário. Isso é raro na América Latina.

A Educação Popular deve trabalhar os novos paradigmas:

1. a dimensão holística da realidade (Holos, palavra grega, em inglês “whole”, quer dizer totalidade; daí a palavra holofote = luz que abrange todo o campo). É preciso ter presente que o educando (assim como o educador) é um ser em totalidade, em relação, em contradição, dotado de razão e emoção. É um ser que, na hora das compras, não está pensando, está sentindo. É um ser que tem uma série de relações que ultrapassam a análise política, cartesiana, explícita, conceitualmente correta e definida. Essa teia de relações precisa ser levada em conta no processo educativo. Há um vínculo indestrutível entre os seres humanos, entre nós e a natureza, entre nós a natureza e o cosmo.
2. a dimensão ecológica. A questão ecológica é uma faca de dois gumes. Existe a maneira idealista, burguesa, de encarar a questão ecológica. Mas, existe a maneira libertadora, revolucionária, de encará-la. O grande legado do Chico Mendes foi ter entendido que não há nada que aconteça na natureza que não interfira na nossa vida humana, e não há nada que ocorra na nossa vida humana que não interfira na natureza. O desafio é estudar como se dá a relação com a ecologia. Pois, não se trata apenas da luta pelos golfinhos do Golfo Pérsico e as baleias do Alasca, esquecendo as crianças do Nordeste e da África. Até porque o bicho mais ameaçado de extinção é o ser humano.

Levar em conta a dimensão ecológica é considerar as relações, é ampliá-las para a relação com a natureza. A educação popular acentuou a relação com a sociedade. A bandeira da ecologia também é revolucionária. Porque ecologia é como avião: embora haja divisão de primeira classe, classe executiva e classe turística, na hora que cai, não há distinção de mortos, morrem todos iguais.

A questão ecológica atinge indistintamente a todos. Isso nos faz reformular também a idéia de aliados. Nós tínhamos uma ideia de classe (as classes continuam na sociedade) muito permeada pelo econômico. Às vezes, deixávamos de ampliar o leque de aliados por não perceber que há demandas que dizem respeito à vida das classes dominantes, tanto quanto nossa vida, como é a questão do meio ambiente.

Não há distinção. O meio ambiente afeta igualmente ricos e pobres. Por aí, é possível mobilizar todo um setor da sociedade que, por nossos preconceitos, está sendo mobilizado por nossos inimigos de classe. Por preconceito paradigmático deixamos setores expressivos da sociedade em mãos daqueles que querem perpetuar o sistema, e não daqueles que querem mudar. Porque não trabalhamos a dimensão libertadora dos paradigmas.

3. outros acenos – relações de gênero, sexualidade, afetividade e a questão da subjetividade.

Acompanhamos lideranças populares, em cursos de educação popular, que não sabiam falar nem o próprio nome. Daí a alguns meses, estavam fazendo comício em porta de fábrica. A valorização das potencialidades do educando é fundamental.

Como, no processo educativo, manteve-se o preconceito burguês de que o afetivo e o sexual são privados, a coisa começou a desandar. Muitas crises ocorriam na esfera afetiva-sexual. Isso teve ressonância brutal no trabalho, na liderança, no sindicato, no partido, no grupo político. Muitas vezes perde-se militantes por força do tabu de manter silêncio quanto a essa esfera.

Hoje, nos processos de educação popular, já se discute subjetividade e sexualidade. Ainda não tanto quanto se deveria. Está provado que temas sobre os quais pouco se fala, mais besteira se comete. Nas escolas, não se falava de sexo, não se falava de política e, por isso, muita bobagem se fez e se faz.

No momento, a discussão é saber quais são os novos paradigmas da

educação popular. O que seria uma educação popular pós-paulofreiriana? O que Paulo Freire desenvolveu foi muito importante para o contexto em que viveu. Como as teorias de Marx foram importantes para entender a sociedade capitalista nos tempos da revolução industrial. Contribuição que continua válida, ainda hoje. Mas, há toda uma crítica à teoria do Marx, porque, em muitos aspectos, já não corresponde à realidade globalizada em que vivemos. Isso vale para as teorias pedagógicas de Paulo Freire. Como desenvolver uma metodologia, uma teoria de educação popular, incorporando o legado de Paulo Freire e fazendo-o avançar? É um desafio que se apresenta a todos nós.

a relação do micro com o macro. Não podemos pensar em educação popular como um processo só de base. Temos que pensar em educação popular como um processo de base e de quem também já não está na base.

Educação popular não é um processo que só usa instrumentos ou recursos, na base do workshop, do pessoal, do trabalho no bairro. É necessário utilizar a metodologia de educação popular em vídeo, cinema, televisão, administração pública. O desafio é fazer administração pública dentro da dinâmica da educação popular.

A questão do pessoal e social, do micro e do macro, do particular e do geral, do local e do global são novos paradigmas sobre os quais temos que pensar no quadro de educação popular. Senão corremos o risco de estar certinhos no miúdo, enquanto o geralzão segue noutra direção, e acabamos atropelados por essa enchente. É importante repensar os paradigmas e conseguir criar uma nova cultura pedagógica dentro de novos parâmetros, novas referências e nova visão.